

# Abrigo sofre com falta de estrutura

Único abrigo governamental do DF, Cear não tem como lidar com crianças e jovens dependentes de drogas

Fotos: Monique Renne

PATRÍCIA RESENDE

Muitas crianças e adolescentes encontrados sob condição de risco, que vivem nas ruas ou que sofrem algum tipo de problema familiar, são encaminhadas ao Centro de Abrigamento Reencontro (Cear), único abrigo governamental do DF. Os menores recebem hospedagem, alimentação, acompanhamento psicológico e ficam sob vigilância do Centro. Mas o local não está preparado para lidar com menores usuários de drogas e recebe muitas crianças nessa situação, o que causa brigas internas e muitas fugas.

Os próprios órgãos que encaminham os menores, SOS Criança, Vara da Infância e da Juventude, Conselhos Tutelares, Delegacias de Polícia e Centro de Desenvolvimento Social, acabam recolhendo novamente as crianças que fogem e devolvendo-as ao abrigo, mas algumas voltam por conta própria. No início do mês, uma jovem viciada em merla retornou ao Cear decidida a levar a filha de 5 meses.

– Vim catar a menina – disse. *Antônia* (nome fictício) sempre foge para conseguir o entorpecente. Quando não está sob efeito da droga, no entanto, sente muito apego à filha e retorna ao abrigo para cuidar dela.

Uma outra adolescente, com 16 anos, usuária de maconha, foi encaminhada ao Centro depois de viver quatro anos com o pai de seus três filhos. Ela também foge do abrigo com frequência.

– Uso maconha. Não gosto de ficar aqui porque a gente não tem direito a um lazer – comenta a jovem.

O Centro conta com um psicólogo, três assistentes



sociais e uma pediatra para acompanhamento das crianças, além de auxiliares e 16 seguranças que trabalham

em regime de plantão, para impedir que os menores voltem às ruas.

– O adolescente não sai

pela porta principal. Ele dá um jeito de driblar os educadores e a segurança – comenta a diretora do Cear, Maria

**O ABRIGO** recebe cerca de 200 crianças mensalmente: viciados não se adaptam à rotina e as fugas são constantes

Salvadora Melo.

Segundo ela, o abrigo recebe essas crianças, porque não há um local específico para adolescentes e jovens dependentes químicos.

– A Vara da Infância não tem pra onde encaminhar uma criança usuária de drogas. Nós precisamos é de um local para desintoxicar essas crianças – diz Salvadora.

As educadoras fazem o que podem para ajudar os adolescentes, que, em geral, tiveram um passado de violência, mas nem sempre al-

cançam sucesso.

– A gente fica tentando fazer com que elas não continuem rebeldes. Nós tentamos passar esperança, que sempre vai haver oportunidades – diz uma das educadoras do Centro.

Um funcionário que não quis se identificar conta que o roubo de pertences dentro do abrigo é constante e que algumas meninas não se interessam pelas atividades pedagógicas desenvolvidas, influenciando outras crianças para más condutas.

– Uma das meninas, uma vez, teve que ficar trancada no banheiro para não ser pega por outra que a acusava de roubo. A educadora ficou apavorada – diz.

Segundo a diretora do Cear, esses menores são os que mais fogem do abrigo.

– É esse tipo de menina que não se adapta a um abrigo como esse. Pois temos regras que não permitem que aqui seja uma extensão da rua. Provavelmente ela não vai ficar aqui – comenta Salvadora.

Cerca de 200 crianças são encaminhadas mensalmente ao Cear, e são hospedadas, de acordo com o sexo e idade, em duas unidades do abrigo, em Taguatinga Norte.

As crianças vivem no Centro enquanto os assistentes sociais investigam o ambiente familiar da criança para tentar reinseri-la em casa. Caso a falta de estrutura da família seja comprovada, a criança pode ser encaminhada para viver por um tempo com uma família substituta ou para a adoção. Mas grande parte delas não consegue uma nova família e o Cear passa a ser a casa delas por um longo período.

patricia.resende@jb.com.br